

Escola, família e alfabetização

– Dra. Chie Hirose entrevistada em 26/08/2015 pela estagiária Gisele de Souza Nunes¹ –

Chie Hirose²

Resumo: A Dra. Chie Hirose, professora de Ensino Fundamental I e doutora (com pós-doutorado) pela Feusp, fala nessa entrevista sobre suas pesquisas e experiências com alfabetização em escola pública de São Paulo.

Palavras Chave: Ensino Fundamental. Alfabetização.

Abstract: Dr. Chie Hirose is an elementary education teacher in public schools of São Paulo and also Ph. D. and post-doctoral scholar by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. In this interview, a young student asks Professor Hirose about her researches on – and experiences with – children literacy.

Keywords: Elementary Education. Children Literacy.

ENTREVISTA

Chie Hirose, professora de Ensino Fundamental I, doutora e pós doutora pela Feusp, que está há 27 anos trabalhando em sala de aula e na formação de professores, fala nesta entrevista (realizada em 26-08-2015) sobre suas pesquisas e experiências com alfabetização em escola pública de São Paulo (EMEFM Vereador Antonio Sampaio).

P.: Quantos alunos você tem no momento?

R.: Atualmente, eu tenho 30 alunos. Entretanto este dado numérico não revela o movimento que acontece dentro de um grupo-classe ao longo do ano letivo. Desde fevereiro até agora, fim de agosto, os membros de uma classe podem mudar muito. Por exemplo, por esta classe de 3º ano já passaram 35 alunos. Saíram 5 ao longo dos meses e entraram 3 também. Digo isto porque estas transferências de alunos não ficam registradas nas tabelas estatísticas oficiais que só conseguem captar simplesmente o número de alunos por sala. Essa frequente mudança de alunos da escola é o que, na verdade, dá o maior trabalho aos alfabetizadores. É decepção também. Muitas vezes, você está realizando um projeto de alfabetização para um aluno com dificuldades e está dando muito certo. De repente, por circunstâncias familiares, a criança é transferida para outra escola. Isso, dependendo do estágio em que a criança estiver, pode prejudicar gravemente o desenvolvimento da aprendizagem, pois nada garante que o novo professor tenha a mesma concepção de alfabetização que eu tenho e que prossegua o que estávamos desenvolvendo. Além disso, não podemos esquecer que a aprendizagem acontece dentro de um contexto, ou seja, o sucesso do nosso trabalho pedagógico não depende só do alfabetizador: ele está apoiado no ambiente que criamos dentro da sala de aula. Portanto, os colegas da classe ou a estagiária, com quem o aluno tem afinidade, são fatores essenciais que influenciam na alfabetização de qualquer criança.

¹. Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade Sumaré.

². Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”.

Os pais e responsáveis, muitas vezes, não tem a compreensão pedagógica necessária para discernir que o alfabetizar é um processo longo que requer um projeto, uma coerência, ou seja, o mesmo que acontece em um tratamento de saúde: se você começou um tratamento com um médico, não pode, de uma hora para outra, interromper e ir para outro médico qualquer, pois este pode ter um enfoque totalmente diferente e não seguir os mesmos medicamentos ou terapias já iniciadas. Por isso é muito importante que estejamos informando os responsáveis sobre o trabalho que está sendo realizado com a criança na escola. Eles, cientes do processo, saberão decidir quando transferir, ou não, o seu filho.

Quando temos uma boa interação com os responsáveis pela criança, podemos ser requisitados pela família até para sugerir a época melhor para mudar ou não de casa. Vou narrar dois exemplos similares ocorridos com as crianças desta classe, focando sempre no ler e escrever e não em outros aspectos da alfabetização (aritmética e outras ciências, socialização etc.).

Para que o meu trabalho de alfabetização tenha um processo contínuo e significativo na formação dos alunos, optei em me responsabilizar, por três anos consecutivos, pela mesma turma. No final do primeiro ano, em 2013, as famílias de Joana e de Kauê (nomes fictícios) vieram conversar comigo sobre o ano seguinte.

O pai da Joana revelou o interesse da família em transferir a filha para uma escola mais próxima da nova residência deles a partir do segundo ano. Entretanto estavam em um impasse com a filha que insistia em continuar na mesma escola. Joana (a caçula da classe) estava encerrando o seu primeiro ano no Fundamental I, tendo como hipótese da escrita silábico-alfabética, ou seja, estava bem na transição, quase chegando a ser alfabética. Pensando na sua personalidade e no andamento do processo escolar, compartilhei minhas observações com o pai da Joana. Juntos refletimos sobre as vantagens e as desvantagens da mudança para a criança. Depois, o Sr. Alessandro levou o nosso diálogo para sua esposa e ficaram por mais um tempo pensando sobre o que fazer. No final, tomaram a decisão de deixar a filha por mais um ano comigo até ela firmar na escrita e na leitura, ou seja, completar o processo que já estava em andamento com a minha turma. Após mais um ano letivo, tanto eu quanto a família concluímos que aquela decisão foi acertada: Joana conseguiu seguir tranquilamente, no seu ritmo, os seus estudos e no final do segundo ano estava alfabetizada e com mais autonomia para se lançar no novo ambiente escolar.

O caso da família de Kauê foi semelhante. O pai me procurou dizendo que estava pensando em mudar para outro bairro no ano seguinte, 2014. A família estava muito satisfeita com o trabalho desenvolvido no primeiro ano e, por isso, receosa em transferir o filho de escola. Conversamos longamente analisando juntos sobre a maturidade de Kauê em relação a amizades e também sobre o seu desenvolvimento na escrita e leitura. No caso, ele estava na hipótese alfabética, já indo para a ortográfica. Tranquilei o Sr. Hilton dizendo que a ruptura com a escola ou com a professora, no caso de Kauê, não seria prejudicial e que eu acreditava no sucesso daquela criança em se adaptar ao novo grupo-classe. Também ele, levou toda nossa conversa para sua esposa e ficaram por mais um tempo refletindo sobre o futuro da família. No início do ano letivo de 2014, os pais do meu aluno chegaram à decisão de continuar no mesmo endereço. Claro, suponho que isso não tivesse sido somente por causa do Kauê, mas que razões financeiras tenham pesado na decisão de uma mudança. Entretanto, a família estar ciente da situação escolar do seu único filho, e a segurança que proporcionamos a ela em relação à aprendizagem na nossa classe, ajudou na hora da decisão. Kauê terminou o segundo ano na hipótese ortográfica e está conosco no terceiro ano.

Concluindo, estou com 30 alunos na sala: 20 crianças desde 2013, 3 crianças desde o ano passado e 7 a partir de 3º ano (além dos 5 que saíram ao longo deste ano). Certamente, estes detalhes nunca aparecerão nas estatísticas oficiais, mas sabemos que é um dado importantíssimo para analisarmos o segredo de uma alfabetização de qualidade.

P.: Como você organiza e planeja as atividades que dará às crianças? Como é planejado o trabalho na alfabetização na primeira semana de aula?

R.: Como já comentei alhures, sempre planejo a partir do diagnóstico que periodicamente faço das crianças. Dialogo com os retornos que a própria classe-grupo nos dá no dia a dia, sem falar dos projetos que fazemos em parceria com os colegas do mesmo ano, tendo como guia o PPP (Projeto Político Pedagógico) da nossa escola que a cada início do ano é revisto por todo corpo da unidade escolar e depois apresentado para o Conselho Escolar. Por isso, numa escola municipal, o PPP é essencial para você entender o que aquela comunidade escolar está colocando como sua meta de trabalho. É a parte que eu acho mais bonita das nossas escolas. Uma conquista da época da Erundina (prefeita de São Paulo de 1989 a 1993). Claro que, no nosso trabalho mais diário, tem uma parte do planejamento que se baseia nas hipóteses que eu tenho como pesquisadora da Educação. Planejo atividades que vêm das orientações teóricas que eu, como especialista em alfabetização (todo professor fundamental I é um especialista), construí sobre o Ensino e Aprendizagem dialogando com o meu lado pesquisador.

P.: Qual é a metodologia que você utiliza para alfabetizar crianças?

R.: Costumo dizer que uma das coisas boas nas escolas públicas é que não estamos presos a apostilas como ocorre com muitas escolas particulares de hoje. Temos um espaço de manobra para nossas investigações e experimentações de novas formas de alfabetização. Eu tenho a autonomia de escolher a metodologia para alfabetizar. Isso nos empolga, nos permite a criatividade e nos dá mais espaço de *insight* para descobertas e transformações como professor.

Alfabetizar é muito mais amplo do que simplesmente identificar letras, sílabas e palavras escritas, como no caso do Dudu daquela peça de publicidade, de tanto sucesso, da decodificação do nome do banco na agência: Ca-i-xa...³



Sabemos que o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever não é um processo que se encerra quando o aluno domina o sistema de escrita, não é porque o Dudu decodificou “Caixa” que ele está “lendo”; essa aprendizagem se prolonga por toda a vida. Mas devemos lembrar também que esse prolongado processo depende da história de cada criança: há uma grande diferença entre crescer em um ambiente no qual se convive com pessoas de elaborada capacidade de ler e escrever e, por outro lado, com famílias desprovidas dessa capacidade.

³ Propaganda da Caixa Econômica Federal, veiculada no primeiro semestre de 2013. Dudu, uma criança, lê as placas da Caixa de dentro do carro do pai. <https://www.youtube.com/watch?v=Xh0t3iQ6720>

Trabalhando muitos anos com crianças provenientes sobretudo das comunidades “do Gato” e da “Zaki Narchi”, filhos de migrantes que não tiveram oportunidade de estudar, aprendi algo de muito importante: alfabetizar, nesse caso, é ter que interferir em uma herança ancestral, que não conviveu com a escrita (e isso estabelece condições muito diferentes das crianças de famílias nas quais ler e escrever fazem parte de seu cotidiano desde há muitas gerações, desde sempre). Ninguém percebe, mas, ao instalar a criança na cultura da leitura/escrita, estamos enfrentando – com todos os atritos que isso supõe – a luta histórica que opõe a cultura letrada à “cultura do ouvido...” Quem trabalha diretamente com os últimos descendentes desta última, não pode deixar de notar a violência do poder de imposição que, ao longo dos séculos, foi exercido para submeter, dominar e explorar.

Um exemplo – é um exemplo que gosto de dar –. A Fabiana é uma criança que chegou em minha classe sem nenhuma experiência em casa com escrita: enquanto na cozinha das casas de colegas os ingredientes são diferenciados por rótulos da mãe (“açúcar”, “sal”, “farinha” etc.); ela reconhece os produtos por outras formas. E mais: em sua casa, ninguém imagina que possa haver essa identificação por escrita. Assim, a escola é portadora de um choque: não só o da alfabetização, mas o do ingresso em, por assim dizer, um novo sistema operacional, radicalmente contrastante com o original que ela possuía. Ao contar uma história, por exemplo, Fabiana era capaz de recontar integralmente, sem perder nenhum detalhe, todo o enredo durante cerca de trinta minutos: uma capacidade fora do comum para sua idade, mas facilmente encontrável em sociedades de tradição oral: no interior do Nordeste não é raro nos depararmos com contadores, capazes de ir desfiando toda a história do Brasil sem ler. Fabiana não conseguiu aprender o sistema de escrita, mesmo chegando na 2a. ou 3a. série (do ciclo de 8 anos). Os especialistas poderiam evocar inadequação de metodologia, despreparo do professor ou até disfunções psicológicas etc. etc. etc. Mas – como constatamos a Profa. Florice Lima Santos e eu, após vários estudos – o caso era simplesmente de instalação em um sistema refratário a uma nova cultura, centrada na escrita. Sentíamos como se Fabiana fosse a última representante de uma cultura oral, inconscientemente tentando sobreviver e não sucumbir.

Nós educadores, para além das técnicas, precisamos desenvolver um olhar antropológico, sensível ao poder do papel que estamos representando e que saiba respeitar a instalação no mundo das crianças que nos são confiadas. Assim, por exemplo, enquanto um recado convocando para uma reunião de pais é, em nossa cultura, plenamente veiculado por um simples papel; para a família da Fabiana, trata-se de um ato de anúncio pessoal; o recado é de um mensageiro e não de um papel. A criança escuta, incorpora a importância da mensagem pelo olhar e tom de voz da professora e, em casa, lembrando o aroma daquele momento, reconstrói o discurso, fazendo a mediação emocional dos dois polos. A Fabiana nos fez lembrar a relação corporal que existe na comunicação entre uma professora e uma mãe. Ao mesmo tempo, confirma minha crença de que todo ato – mesmo o de alfabetizar – precisa cultivar a dimensão corporal: o que reduz o nível de agressividade da escola e permite que se atenuem os choques entre os valores das “duas culturas”. Nesse sentido, uma dimensão essencial, para nós educadores, é o corpo.

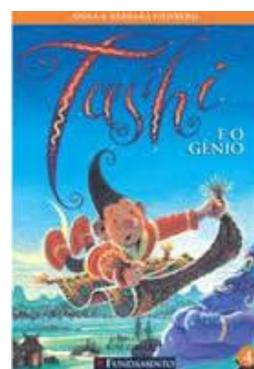
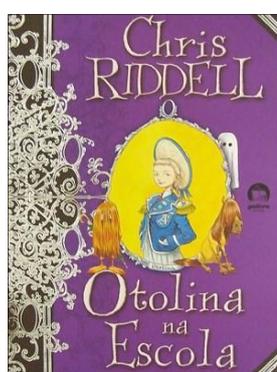
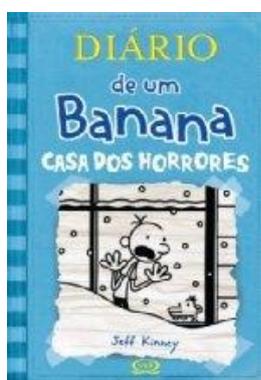
P.: O que considera importante para alfabetizar os alunos?

R.: Eu considero como essencial a construção de um ambiente alfabetizador: um espaço de parceria entre a escola, o aluno e a família. A participação democrática da comunidade na gestão escolar é essencial. As pessoas tendem a pensar que o mais importante para alfabetizar é a competência do professor. Mas não podemos esquecer que alfabetizar não é fazer o aluno decodificar letras e interpretar textos, mas sua formação concomitante para um ser social, para tornar-se protagonista da sua vida. Por

esta razão, precisamos estar atentos ao contexto onde o processo da alfabetização se realiza. Alfabetizar é um processo histórico-cultural de uma sociedade e nós, alfabetizadores, conscientemente ou não, fazemos parte desta ação. Um ambiente alfabetizador é um espaço autônomo de aprendizagem para todos os participantes desse ambiente: professor, aluno, família, comunidade escolar, no qual todos podem ser autores para criar novas realidades e conhecimentos.

P.: Você oferece aos alunos materiais de leitura?

R.: Tento oferecer vários tipos de materiais de leitura. Além dos livros da sala de leitura, gosto de acrescentar outros livros que são meus, particulares. Tenho sobrinhos da mesma idade dos meus alunos. Como estou com este grupo há três anos, os meus sobrinhos e os meus alunos se conhecem desde os seus cinco anos porque, todo ano, promovo um dia de “visita” de meus sobrinhos nesta escola. Neste ano, disse à minha classe que eles estavam indicando alguns livros como Diário de um Banana⁴ e Otolina⁵, pois tinham se encantado por aqueles personagens.



São livros com muitas páginas em torno de 170 a 210: algo desafiador para a minha classe de 3º ano, na qual as crianças não se arriscavam a pegar livros com poucas ilustrações ou com mais páginas para ler, o que, naturalmente, me incomodava. Como eu sabia que meus alunos tinham um carinho especial pelos meus sobrinhos, introduzi este desafio usando como estímulo a amizade entre estas crianças. Dito e feito! Foi uma grande surpresa ver os alunos quase “brigando” para pegar os livros emprestados dos meus sobrinhos. Aproveitei para comprar mais exemplares: as aventuras do Tashi⁶ que são textos ideais para alunos que estão no nível alfabético, mas com dificuldade de leitura. Este apresenta texto com muitas falas dos personagens e ilustrações bonitas fazendo com que mesmo os alunos receosos da sua habilidade de ler sentirem seguros

⁴ Há nove livros oficiais da coleção “Diário de um Banana”, todos compostos por desenhos e cores diferentes nas suas capas. KINNEY, Jeff. Diário de um Banana Ed. Vergara e Riba; 1ª ed. 2007; 218pg.

⁵ RIDDELL, Chris. Otolina na escola. tradutor: Senna, Janaina; Ed. Galera Record; 2ª ed. 2012;176pg.

RIDDELL, Chris. Otolina no mar. tradutor: Senna, Janaina; Ed. Galera Record; 2ª ed. 2012;176pg.

RIDDELL, Chris. Otolina e a gata amarela. tradutor: Senna, Janaina; Ed. Galera Record; 2ª ed. 2012.

⁶ FIENBERG, Ana e Barbara. Tashi e o fantasma. Ed. Fundamentos; 1ª ed. 2006; 64 pg.

FIENBERG, Ana e Barbara. Tashi e o gigante. Ed. Fundamentos; 1ª ed. 2006; 64 pg.

FIENBERG, Ana e Barbara. Tashi e o gênio. Ed. Fundamentos; 1ª ed. 2010; 64 pg.

e interessados na leitura e ao mesmo tempo orgulhosos por estarem lendo um livro grosso (64 folhas!!) como os outros colegas do nível ortográfico. Os novos lançamentos como a coleção “Oi Jack!”⁷ ou da mesma autora: “Billie B”⁸ são excelentes para crianças que timidamente se lançam à leitura com autonomia, pois as letras estão no formato “bastão” e são especialmente grandes.



Mesmo aquelas que finalmente chegaram no nível silábico-alfabético ou alfabéticos neste ano, ou aqueles que estão fazendo o 3º ano pela segunda vez, dada sua dificuldade de escrita, sentem ao manusear o livro que podem ler sozinhos. Também são livros com muitas páginas e “engana” bem, pois quem os escolhe, não fica constrangido perante os outros colegas (“Não é livrinho de 1º ano, né professora?”). Recomendo estas obras para os alunos de 3º ano. São um tipo de livros que não encontramos nas caixas do PNAIC (Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa), e que raramente são escolhidos pela Prefeitura para as nossas salas de Leitura (por quê?). É um projeto editorial interessante porque – além do mais – têm formato parecido com livros “normais”, sem ilustrações coloridas (e, portanto, até de preço mais acessível). Que bom seria se tivéssemos projetos tão bons de autores nacionais. Ainda hoje, todos os dias, tenho a alegria de ver o alvoroço de 30 crianças diante da minha caixa de livros. Continuam sedentos em ler os livros que atentamente tenho que repor de alguma maneira. Com essa experiência vejo que, realmente, há uma necessidade de investir tanto afetivamente quanto financeiramente, quando nos referimos ao hábito de leitura.

P.: Explique porque oferecem aos alunos histórias curtinhas?

R.: Sim, ao mesmo tempo que busco oferecer, cada vez mais, leituras mais complexas, ofereço textos simples de poucas linhas, fáceis e acessíveis para todas as crianças do terceiro ano. A partir da experiência como alfabetizadora, percebemos que existem crianças que aceitam tranquilamente os desafios da aprendizagem, mas há aquelas que recusam qualquer coisa que pareça no primeiro momento acima de sua capacidade. Para que a sua evolução seja gradativa e estimulante na alfabetização e no letramento, as histórias curtas são muito eficazes para todas as crianças que desejam ler e escrever. Não há necessidade de apresentarmos, a toda hora, estas histórias curtinhas. Por exemplo, receita de uma comida, panfleto do posto de saúde, adivinhas, artigo de jornal também são histórias curtas, pois exigem que os alunos entendam o contexto do

⁷ Há quatro livros da coleção “Oi Jack!” RIPPIN, Sally. Oi Jack! Ed. Fundamento; 1ª ed. 2015; 36 pg.

⁸ Há onze livros da coleção “Billie B Brown”, RIPPIN, Sally. Ed. Fundamento; 1ª ed. 2012; 36 pg.

texto(história) em si. Por isso, atualmente, o currículo busca oferecer oportunidade de contato a vários gêneros de texto.

P.: Como é trabalhada a oralidade dos alunos?

R.: A oralidade é uma parte essencial para formar um aluno alfabetizado. Poder expressar com suas palavras o que sente, o que pensa, o que deseja, são exercícios diários na classe. Além disso, a criança nesta idade começa a aprender o gosto de relacionar-se com o outro através da oralidade. Por exemplo, neste ano, tivemos um sarau no qual as crianças recitaram poesias para toda a escola e deram aulas, de História e Geografia, que elas próprias prepararam para a outra sala de terceiro ano. No momento, elas gostam muito de falar sobre sua vida na frente da classe. Permitir estes momentos espontâneos dos alunos auxilia o seu desenvolvimento na oralidade.

P.: O que faz quando se encontra numa classe alunos já alfabetizados e outros no início do processo de alfabetização? As crianças são prejudicadas do início ao término do ano?

R.: Vocês querem saber como trabalhar com crianças em fase de alfabetização que possuem ritmos e níveis de dificuldade diferentes? Realmente é trabalhoso, mas é necessário oferecer desafios pontuais às necessidades de cada nível, por exemplo, criando exercícios apropriados para cada hipótese sobre a nossa língua escrita. Um mesmo tema trabalhado pode ser abordado por diferentes exercícios, de acordo com as dificuldades dos alunos. No primeiro ano, frequentemente conseguimos separar a classe-grupo em 4 a 5 níveis. Entretanto para não fazer 5 tipos diferentes de atividades, tento agrupá-los em 3 níveis (ou até 4, ainda dá). Já no terceiro ano se construirmos uma atividade mais aberta (não restringir a uma só resposta), não preciso elaborar 3 diferentes atividades. A própria atividade (única) oferece possibilidades diversas de reflexão e desafio sobre a escrita. Certamente conseguir uma estagiária para auxiliar no trabalho com as crianças seria outra forma excelente de intervenção pontual, principalmente quando temos uma sala de 30 alunos. Podemos, eu e a estagiária, recolher com mais rapidez, por exemplo, a escrita espontânea, tão importante em todos os níveis de alfabetização. Você não sabe o quanto uma estagiária traz novas possibilidades de gestão de trabalho na minha sala de aula.

P.: Você acredita que o professor alfabetizador recebe o devido valor por parte da sociedade?

R.: Evidentemente não!

P.: Que conselhos daria a alguém que, como nós, estamos perto de nos tornarmos professoras e prestes a entrar no mercado de trabalho?

R.: Gosto de enfatizar para minhas estagiárias e alunas de Pedagogia que esta fase de formação é um momento de auto conhecimento. No caso que mencionei dos livros que deram bons resultados com meus alunos, isto só aconteceu porque, antes deles, eu já tinha me envolvido profundamente com esse material: o ensino tem que ter, em boa medida, seu DNA, para além do pacote de escolhas que nos vem dado nos kits que o governo oferece às escolas. Da mesma forma que na aprendizagem o vínculo que se estabelece entre os participantes é essencial, assim também deve haver um vínculo pessoal com o material e com o conhecimento.

Se quiser realmente ser professora, precisa começar a ler jornais e livros, tudo o que vier às suas mãos, sem escolher se o assunto é de seu interesse imediato ou não. Estar aberta, vinculada ao mundo atual e futuro é uma obrigação nesta nossa profissão. Olha, sugiro que você entre no mercado de trabalho sabendo o que você pode oferecer

de diferente como uma professora para seus alunos e seus colegas (se bem que isso a gente vai descobrindo pouco a pouco).

Se não construir a sua identidade como educadora, você pode se transformar, somente em uma operária do ensino. Facilmente você se transforma numa trabalhadora que executa o conteúdo de uma apostila ao pé da letra como um dogma sagrado. Ou você pode virar, quando menos espera, uma cuidadora de crianças e jovens de classes menos favorecidas, e estar a serviço de um segmento privilegiado da sociedade, que talvez só pense em controlar futuramente seus alunos, devidamente “domesticados” pela escola.

Se você nasceu no Brasil e quer ser professora, precisa como brasileira, ler os escritos do nosso educador Paulo Freire. Pode acreditar que é um grande privilégio podermos ler em português o que ele escreveu. Vi muitos educadores no exterior penarem para estudar Paulo Freire, coisa que para nós, habituados ao contexto descrito por ele, é muitíssimo fácil de captar. Sabe, o mundo vai cobrar isso de nós, professores brasileiros.

Recebido para publicação em 01-09-15; aceito em 02-10-15